

Cancel Culture vs Liberdade de Expressão

 *Rita Braz*

ritabraz@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0001-3941-7087>

ISCAP, Instituto Politécnico do Porto

P. PORTO
ISCAP

Revista Académica
de Tendências em
Comunicação e
Ciências
Empresariais

Resumo

A ascensão da cancel culture na era digital reflete mudanças significativas na forma como as interações sociais ocorrem, especialmente nas redes sociais. Neste artigo, são abordadas diferentes perspetivas sobre este fenómeno e o seu impacto nas organizações. Ao analisarmos as implicações desta prática para as empresas, evidencia-se a urgência de desenvolver estratégias eficazes de gestão de crises e construção de reputação. Destaca-se também a necessidade premente de equilibrar a responsabilidade individual com a liberdade de expressão, bem como fomentar o diálogo aberto, visando enfrentar os desafios da era digital e contribuir para promover a criação de uma sociedade mais justa e igualitária.

Palavras-chave: Cultura do Cancelamento, Liberdade de Expressão, Redes Sociais, Era Digital

Abstract

The rise of cancel culture in the digital era reflects significant changes in the way social interactions take place, especially on social media. This article discusses different perspectives on this phenomenon and its impact on organizations. By analyzing the implications of this practice for companies, the urgency of developing effective crisis management and reputation-building strategies is highlighted. It also emphasizes the urgent need to balance individual responsibility with freedom of expression, as well as fostering open dialogue, to face the challenges of the digital age and contribute to promoting the creation of a fairer and more equal society.

Keywords: Cancel Culture, Freedom of Expression, Social Media, Digital Era

Introdução

Ao longo da história, é comum que as pessoas discordem e contestem os pontos de vista umas das outras, no entanto com a ascensão da Internet e das redes sociais, a maneira como essas interações ocorrem mudou significativamente. Agora, um número considerável de indivíduos pode expressar críticas em relação ao comportamento ou às palavras de outras pessoas. Isso facilita a mobilização de grupos para se envolverem em debates públicos e discussões de forma rápida e abrangente, algo que nunca foi tão acessível como é agora (Vogels et al., 2021).

Nos últimos anos, surgiu um intenso debate em torno da prática conhecida como cancelamento, que implica a exclusão social ou profissional de uma pessoa, organização ou empresa, devido a comportamentos ou opiniões consideradas inadequadas ou ofensivas pela sociedade (Romano, 2020).

O termo cancel culture surgiu pela primeira vez em 2016 nos Estados Unidos, e o processo de cancelamento geralmente começa com uma denúncia pública nas redes sociais, com o intuito de alertar o público para uma suposta ofensa. A partir desse ponto, é desencadeada uma campanha de cancelamento, que pode adotar diferentes formas, como pressionar organizações para cancelar eventos públicos ou, no caso das empresas, organizar boicotes aos seus produtos (ProCon.Org, 2023).

Inicialmente, a cancel culture tinha como alvo celebridades específicas, mas atualmente, qualquer indivíduo, marca ou empresa pode ser alvo desse fenômeno. (Tandoc et al., 2022, citado por Manso, 2023).

A rapidez e o alcance das plataformas digitais aliados a uma maior sensibilização relativamente a questões sociais, como discriminação, injustiça e desigualdade, levou a um aumento dos movimentos de justiça social e, conseqüentemente, a uma maior vigilância sobre o discurso público.

O fenômeno do cancelamento leva-nos a abordar uma questão fundamental: a liberdade de expressão, que é um dos pilares fundamentais das sociedades democráticas e tem sido posta à prova com o avanço da cancel culture.

A liberdade de expressão pode ser definida como o direito de expressar pensamentos e crenças sem ser impedido ou punido pelo governo (Britannica, 2023). É um direito que foi atribuído aos seres humanos há muito tempo, tornando-se um elemento central das sociedades que adotam princípios democráticos (Ferreira, 2023).

Deste modo, é crucial compreender a relação entre estes dois conceitos, dado que a liberdade de expressão defende o direito de as pessoas expressarem as suas opiniões livremente, enquanto a cancel culture pode criar pressões sociais, que limitam essa liberdade, especialmente para aqueles que têm opiniões minoritárias ou impopulares.

Perspetivas Diversificadas sobre a Cancel Culture e a Liberdade de Expressão na Era Digital

A cancel culture, um fenômeno cada vez mais proeminente na era digital, levanta questões importantes sobre liberdade de expressão, responsabilidade individual e o poder das redes sociais na formação da opinião pública.

O conceito de 'cancelar' pessoas existe há muito tempo, implicando a sua exclusão social e está mais ligado à indústria do entretenimento, no entanto já se alargou a outras indústrias, destacando a influência dos meios de comunicação social e o crescente impacto da opinião pública em diversos aspetos da sociedade.

Esta prática tem tido um impacto alargado em figuras públicas e indivíduos cujas ações ou comentários são vistos como ofensivos, indesejáveis ou em conflito com os valores em evolução da sociedade e por esse motivo tem gerado bastante atenção pública (Ferreira, 2023).

Segundo Novelli (2021, p. 4), a cancel culture surgiu, porque as redes sociais deram poder às massas e amplificação ao indivíduo.

A cancel culture é fortemente influenciada pelos espaços online, onde as pessoas se conectam, expressam ideias e partilham informações, criando uma sensação de comunidade. Quando alguém age de forma inadequada, essa cultura une as pessoas para criticar ou denunciar em conjunto e é alimentada pela rápida disseminação de informações através das redes sociais, o que motiva uma participação imediata nas discussões em curso (Ferreira, 2023).

Embora a criação de conteúdo permita uma maior expressão individual e conectividade global, também expõe os autores a uma ampla gama de reações, incluindo críticas e interpretações conflituosas (Dizikes, 2023, citado por Ferreira, 2023). A evolução deste fenómeno traz-nos até ao presente, onde a maior parte das críticas são feitas online e nas redes sociais, uma vez que criar conteúdo nestas plataformas pode despertar o interesse das pessoas.

A cancel culture ganhou destaque nos Estados Unidos, como indicado por um recente estudo do Pew Research Center (2022). Este estudo revelou que 61% dos entrevistados norte americanos afirmaram ter um conhecimento no mínimo razoável da cancel culture, tendo existido um aumento em relação a 2020 (44%). O conhecimento deste fenómeno aumentou em todos os grupos demográficos, sendo que um dos maiores aumentos ocorreu entre os adultos mais velhos, com 53% em 2022 face a 33% em 2020. Embora esse aumento tenha sido significativo, os adultos com menos de 30 anos continuam a ser o grupo mais familiarizado com o conceito (Vogels, 2022).

A liberdade de expressão é um princípio fundamental em democracias como os Estados Unidos, mas a sua prática tem sido objeto de debate e escrutínio. Uma pesquisa sobre a liberdade de expressão nos Estados Unidos, conduzida pelo Pew Research Center (2023, citado por Ferreira, 2023), oferece informações valiosas sobre o comportamento das pessoas online. De acordo com os dados, 45% dos inquiridos admitiu evitar partilhar as suas opiniões, devido ao medo de retaliação, 49% dos inquiridos afirmaram já ter expressado as suas opiniões políticas nas redes sociais e 58% acredita que o politicamente correto impõe restrições excessivas à liberdade de expressão. Estes dados destacam a complexidade das interações online e o equilíbrio delicado entre a expressão pessoal e o receio das repercussões sociais.

A análise do artigo "*America Has a Free Speech Problem*" de Delcan (2022) evidencia uma disparidade significativa entre os géneros no que diz respeito à auto-censura e à expressão de opiniões online no ano de 2022. 61% das mulheres inquiridas admitiu ter evitado expressar as suas opiniões e pensamentos nesse ano, enquanto apenas 49% dos homens relataram terem se auto-censurado durante o mesmo período. Isso indica que, em comparação com as mulheres, os homens tendem a ser um pouco menos propensos a inibir as suas ideias, devido ao medo de críticas online ou retaliações severas.

O debate sobre a cancel culture suscita uma variedade de opiniões.

De acordo com o estudo de Novelli (2021), 34% dos americanos acredita que a cancel culture é benéfica para a sociedade, argumentando que ela induz empresas e indivíduos a reconhecerem os seus erros e 30% consideram-na eficaz, mas demasiado utilizada atualmente, resultando no cancelamento excessivo de pessoas e empresas. Em contraste,

20% têm uma visão negativa, argumentando que é prejudicial para a sociedade, na medida em que restringe a liberdade de expressão.

Várias vozes têm-se erguido contra esta prática.

Segundo Jones (2021), este fenómeno é agora encarado como uma nova forma de *cyberbullying*, na qual os utilizadores da Internet são alvo de ataques por expressarem as suas ideias. A autora afirma que, apesar de muitos considerarem esta prática como ativismo legítimo, na verdade, ela não se resume a chamar a atenção para erros, mas sim a uma oportunidade para praticar *cyberbullying* sob o pretexto de liberdade de expressão.

Outra crítica é apresentada por Khalid & Snyder (2022), que argumentam que o cerne desta cultura é a tentativa de censurar aquilo que não agrada, seja ideias, livros, obras de arte, posições políticas ou pessoas.

Numa análise crítica, Delcan (2022) destaca as consequências nefastas da supressão do discurso e da exclusão de dissidentes do debate público. Ele ressalta que quando a liberdade de expressão é reprimida, a sociedade perde a sua habilidade essencial de resolver conflitos de forma construtiva, aumentando significativamente o risco de agitação e violência política.

Zimmerman (2020, citado por Ferreira, 2023), defende a importância da liberdade de expressão, mesmo em casos em que o discurso possa ser repulsivo. Ele argumenta que permitir que todos se expressem, apesar das discordâncias ou desconforto que possam surgir, é preferível à alternativa de restringir a liberdade de expressão. Ao citar Winston Churchill, Zimmerman destaca que, assim como a democracia é considerada o pior sistema de governo, exceto por todos os outros, o mesmo se aplica à liberdade de expressão. Essa perspetiva ressalta a natureza essencialmente desafiadora e por vezes controversa do discurso livre, mas defende que é fundamental para evitar que terceiros determinem o que pode ou não ser dito.

Adicionalmente, há críticos que defendem que a cancel culture pode provocar violência e ameaças que, por vezes, superam a gravidade da ofensa original que está a ser denunciada (ProCon.Org, 2023).

Por outro lado, também há vários defensores da cancel culture.

Alguns argumentam que as críticas à liberdade de expressão muitas vezes favorecem certos grupos, deixando outros sem voz. Para além disso, a ideia de que "não se pode dizer nada sem ofender alguém" é vista como uma forma de silenciar aqueles que têm opiniões divergentes, o que viola o direito fundamental à liberdade de expressão (Udeagbaja, 2021).

Outro argumento a favor é o seu papel na promoção da responsabilização e no combate a comportamentos prejudiciais, fornecendo uma plataforma para chamar a atenção e denunciar atos de sexismo, racismo e outros tipos de abuso (D'Amour, 2021).

Price (2021) argumenta que a cancel culture desempenha um papel significativo nos meios de comunicação modernos, na medida em que incentiva o público a expressar críticas contra figuras influentes, como celebridades e influenciadores, que anteriormente pareciam intocáveis para que as mesmas possam ter oportunidade de reconhecer e corrigir os seus erros. Permite também que os grupos possam expressar as suas opiniões sem direcionar ataques individuais.

Para além disso, alguns também defendem que esta cultura permite que os indivíduos marginalizados tenham a oportunidade de exigir responsabilização quando o sistema de justiça não cumpre o seu papel e um exemplo disso foi o movimento #MeToo, que permitiu que as vítimas expusessem os seus abusadores (ProCon.Org, 2023).

O impacto da Cancel Culture nas Organizações

O impacto deste fenómeno nas organizações é um tema de crescente relevância, especialmente num contexto em que os consumidores se sentem cada vez mais capacitados para expressar as suas opiniões sobre as empresas.

Com base nos dados fornecidos por Novelli (2021), é evidente que há uma mudança significativa na forma como os americanos percebem e interagem com as empresas:

- 72% sentem-se mais encorajados do que nunca a expor os seus pensamentos e opiniões sobre as empresas;
- 64% acreditam que as redes sociais lhes concederam uma voz para exercer influência sobre as empresas;
- 68% veem o cancelamento como uma maneira de mudar as práticas de uma empresa;
- 66% afirmam que mesmo que adorem os produtos ou serviços de uma marca, estão dispostos a cancelar a mesma se esta fizer algo de errado ou ofensivo;
- 88% estão mais dispostos a perdoar um erro de uma empresa desde que esta demonstre um esforço genuíno de mudança;
- 84% afirmam que são mais propensos a perdoar uma empresa por um erro se for a primeira vez;
- 87% acreditam que as empresas devem de assumir responsabilidades pelas declarações dos seus executivos.

Segundo Novelli (2021), as causas principais (em percentagem) pelas quais os americanos cancelariam uma empresa são:

- Alterar as suas práticas (38%);
- Alterar as suas políticas ou posturas relacionadas ao envolvimento político (27%);
- Uma empresa despedir o(s) indivíduo(s) responsável(eis) por uma declaração ofensiva (26%);
- Dissociação de uma celebridade ou de um porta-voz que tenha dito ou feito algo ofensivo (22%);
- Sofrer um impacto financeiro ou de reputação (19%);
- Alterar a marca e/ou a representação externa (18%);
- Partilhar sentimentos/desaprovação nas redes sociais (15%);
- Desaparecer por completo (14%);
- Outros (2%).

Para além disso, a cancel culture tem consequências para as marcas, tais como:

- Boicote, que é descrito como um ato condicional de anti consumo (Yuksel, 2013).

“Por exemplo, quando os consumidores deixam de comprar uma dada marca, devido ao financiamento de fábricas de exploração ou à discriminação de trabalhadores, levando a uma violação dos padrões éticos, que o consumidor considera relevante” (Zúñiga & Bimber, 2013, citado por Manso, 2023);

- *Brand Hate*, que pode ser definido “(...) como um estado de emoções negativas e distanciamento da marca que o consumidor forma ao ter uma

má experiência, tanto do ponto de vista individual como social” (Kucuk, 2015, citado por Manso, 2023);

- *Negative Word of Mouth*, que pode ser descrito como o esforço de um cliente para partilhar opiniões negativas ou desfavoráveis com amigos, familiares e outros. A transmissão destas opiniões é uma atividade social, onde os clientes trocam opiniões e experiências uns com os outros através de comentários e conversas (Balaji et al., 2016).

Explorar o impacto da cancel culture nas marcas é uma tarefa intrigante, especialmente devido à sua relevância atual e à abundância de exemplos disponíveis.

Por exemplo, a Balenciaga ganhou um destaque mundial negativo, devido à sua campanha “Balenciaga Gift Shop”, que apresentava imagens de crianças com as malas da marca, que se assemelhavam a ursos de peluche com acessórios de bondage, o que causou uma reação negativa devido à representação inapropriada de crianças em contexto de fetichismo (Husain, 2024).

Perante esta situação, a Balenciaga emitiu duas declarações com pedidos de desculpa, reconhecendo o erro na escolha das imagens e prometendo tomar medidas legais contra os responsáveis pela criação da campanha. (Issawi & Cohen, 2024).

Discussão

A cancel culture, um fenómeno cada vez mais presente na era digital, suscita questões complexas sobre liberdade de expressão, responsabilidade individual e o papel das redes sociais na sociedade contemporânea. Originalmente concebida como uma maneira de responsabilizar indivíduos e organizações por comportamentos considerados inadequados, esta prática evoluiu para um fenómeno multifacetado, que molda a maneira como as pessoas interagem tanto online como offline.

Por um lado, esta prática desempenha um papel crucial na promoção da responsabilidade e na denúncia de comportamentos prejudiciais, como racismo, sexismo e discriminação. Ao ampliar as vozes daqueles que são marginalizados e expor injustiças sociais, esta cultura pode contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária e inclusiva.

No entanto, existem alguns efeitos negativos, como a polarização da sociedade, que pode resultar em divisões cada vez maiores entre diferentes ideologias políticas e à medida que as pessoas se agrupam em torno das mesmas, há um risco de que o diálogo construtivo seja prejudicado, dificultando a procura por consenso e cooperação e contribuindo para a fragmentação da sociedade, prejudicando a coesão social.

Para além disso, a supressão da liberdade de expressão pode conduzir ao fenómeno do "pensamento de grupo", onde os indivíduos se sentem coagidos a conformar-se às opiniões dominantes, em vez de expressar as suas próprias perspetivas e experiências. Por último, os julgamentos precipitados e injustos também são uma preocupação, especialmente quando as consequências são desproporcionais ao suposto delito.

A cancel culture levanta questões fundamentais sobre a liberdade de expressão. Embora tenha sido concebida como uma forma de responsabilizar comportamentos inadequados, há preocupações de que isso possa resultar em uma supressão da liberdade de expressão.

É crucial encontrar um equilíbrio entre a responsabilização por comportamentos prejudiciais e a proteção dos direitos individuais. De acordo com Guterres (2019), abordar o discurso de ódio não significa limitar ou proibir a liberdade de expressão. Significa impedir que o discurso de ódio se transforme em algo mais perigoso, nomeadamente o incitamento à discriminação, à hostilidade e à violência.

Outro aspecto importante a considerar é a questão da justiça restaurativa. Enquanto a cancel culture muitas vezes se centra na punição e no ostracismo do indivíduo ou organização em causa, algumas abordagens alternativas, como a justiça restaurativa, procuram promover a responsabilização e a reconciliação. Estes modelos enfatizam o diálogo, a compreensão mútua e a reparação do dano causado, em vez da exclusão ou punição severa.

Estratégias para minimizar os efeitos negativos da cancel culture podem incluir: incentivo ao diálogo aberto e construtivo, a promoção da educação digital e a defesa dos princípios democráticos fundamentais, como o respeito pela diversidade de opiniões.

No que diz respeito às organizações, estas desempenham um papel importante na gestão desta prática, devendo adotar políticas e costumes que promovam a transparência, a responsabilidade e o respeito pelos direitos humanos. Ao reconhecerem os seus erros e comprometerem-se com a mudança positiva, as empresas podem mitigar os efeitos adversos da cancel culture e fortalecer a sua reputação junto dos consumidores e da sociedade em geral.

Para além disso, a cancel culture levanta questões sobre o papel das redes sociais na moderação do discurso online e na proteção dos direitos dos utilizadores. Embora estas plataformas tenham o poder de influenciar o debate público, também enfrentam desafios significativos em equilibrar a liberdade de expressão com a proteção contra discursos prejudiciais e desinformativos.

Em última análise, este fenómeno é um reflexo das mudanças sociais e tecnológicas que estão a moldar o nosso mundo. Para enfrentar os desafios associados a esta cultura, é essencial promover o diálogo aberto e construtivo, incentivar a responsabilidade individual e institucional e defender os valores fundamentais da democracia e dos direitos humanos. Apenas através de um esforço conjunto e de uma abordagem colaborativa é que podemos encontrar soluções eficazes para os desafios da era digital.

Conclusão

Em suma, ao longo deste artigo, exploramos as complexidades e implicações da cancel culture na sociedade contemporânea e destacamos a necessidade de equilibrar a responsabilidade individual com a liberdade de expressão.

Embora esta prática possa promover a responsabilização individual e denunciar comportamentos prejudiciais, também suscita preocupações sobre a polarização da sociedade e a supressão do discurso divergente.

Para mitigar esses efeitos negativos, é essencial incentivar o diálogo aberto, promover a educação digital e defender os princípios democráticos.

A justiça restaurativa oferece uma abordagem alternativa, enfatizando o diálogo, a compreensão mútua e a reparação do dano causado, em contraste com a exclusão e a punição severa associadas à cancel culture.

As organizações desempenham um papel vital na gestão desta prática, adotando políticas que promovam a transparência e a responsabilidade.

Para além disso, as redes sociais enfrentam desafios na moderação do discurso online, equilibrando a liberdade de expressão com a proteção contra discursos prejudiciais.

Diante dessas complexidades, é crucial encontrar um equilíbrio entre a responsabilização por comportamentos prejudiciais e a proteção dos direitos individuais. Ao promover o diálogo aberto, a educação digital e a responsabilidade individual, podemos enfrentar os desafios da era digital e trabalhar para construir uma sociedade justa.

É imperativo continuar a explorar e debater a evolução desta cultura, identificando estratégias eficazes para lidar com os seus efeitos adversos e promovendo o desenvolvimento de abordagens mais inclusivas e equilibradas para o debate público online.

Referências

- Balaji, M. S., Khong, K. W., Chong, A. (2016). Determinants of Negative Word-of-Mouth Communication using Social Networking. *Information & Management*, 53 (4), 5. <https://doi.org/10.1016/j.im.2015.12.002>
- Britannica. (março, 2024). Freedom of speech. <https://www.britannica.com/topic/freedom-of-speech>
- D'Amour, A. (nd). Cancel Culture: The good, the bad, & and its impact on social change. On Our Moon. <https://onourmoon.com/cancel-culture-the-good-the-bad-its-impact-on-social-change/>
- Delcan, P. (março, 2022). America Has a Free Speech Problem. *The New York Times*. <https://www.nytimes.com/2022/03/18/opinion/cancel-culture-free-speech-poll.html>
- Ferreira, A. B. C. (2023). Cancel Culture and its effects on freedom of Speech. An analysis with a focus on the entertainment industry. [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto]. Repositório Científico do Instituto Politécnico do Porto. <http://hdl.handle.net/10400.22/24631>
- Guterres, A. (junho, 2019). Secretary-General's remarks at the launch of the United Nations Strategy and Plan of Action on Hate Speech [as delivered]. United Nations. <https://www.un.org/sg/en/content/sg/statement/2019-06-18/secretary-generals-remarks-the-launch-of-the-united-nations-strategy-and-plan-of-action-hate-speech-delivered>
- Husain, O. (fevereiro, 2024). 22 Cancel Culture Examples: Brands That Have Been Cancelled. *Enzuzo*. <https://www.enzuzo.com/blog/cancel-culture-examples>
- Issawi, D., Cohen, D. (janeiro, 2024). What to Know About the Balenciaga Ad Scandal. *The Cut*. <https://www.thecut.com/article/what-to-know-about-the-balenciaga-ad-scandal.html>
- Jones, T. (março, 2021). Commentary: Cancel culture is the new cyberbullying. *Granite Bay Today*. <https://granitebaytoday.org/commentary-cancel-culture-is-the-new-cyberbullying/>
- Khalid, A., Snyder, J. A. (julho, 2022). Cancel Culture. <https://banished.substack.com/p/cancel-culture>
- Manso, A. M. (2023). Estudo da eficácia das estratégias de resposta das organizações no contexto de cancelamento nas redes sociais (Cancel Culture). [Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho]. Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal. <https://hdl.handle.net/1822/87352>
- Novelli, P. (2021). Business of Cancel Culture Study. *Scribd*. <https://pt.scribd.com/document/559864116/Cancel-Culture-Report>
- Price, G. (janeiro, 2021). The benefits of cancel culture. *The Eyrie*. <https://eyrieonline.org/7536/opinion/the-benefits-of-cancel-culture/>

- ProCon.org. (agosto, 2023). Cancel Culture – Top 3 Pros and Cons. ProCon.org. <https://www.procon.org/headlines/is-cancel-culture-or-callout-culture-good-for-society>
- Romano, A. (agosto, 2020). Why we can't stop fighting about cancel culture. Vox. <https://www.vox.com/culture/2019/12/30/20879720/what-is-cancel-culture-explained-history-debate>
- Udeagbaja, A. D. (julho, 2021). On the myth of cancel culture. Varsity. <https://www.varsity.co.uk/opinion/21749>
- Vogels, E. A., Anderson, M., Porteus, M., Baronavski, C., Atske, S., McClain, C., Auxier, B., Perrin, A., Ramshankar, M. (maio, 2021). Americans and 'Cancel Culture': Where Some See Calls for Accountability, Others See Censorship, Punishment. Pew Research Center. <https://www.pewresearch.org/internet/2021/05/19/americans-and-cancel-culture-where-some-see-calls-for-accountability-others-see-censorship-punishment/>
- Vogels, E. A. (junho, 2022). A growing share of Americans are familiar with 'cancel culture'. Pew Research Center. <https://www.pewresearch.org/short-reads/2022/06/09/a-growing-share-of-americans-are-familiar-with-cancel-culture/>
- Yuksel, U. (2013). Non-participation in Anti-Consumption: Consumer Reluctance to Boycott. Journal of Macromarketing, 33 (3), 205. <https://doi.org/10.1177/0276146713484153>